

Data: 01.04.2020

Título: PIB CAI A PIQUE, MAS RECUPERAÇÃO PODE COMEÇAR AINDA EM 2020

Pub: **VIDAIMOBILIÁRIA**

Tipo: Revista Especializada Mensal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 10;11;12

DOSSIÊ//O IMOBILIÁRIO E O COVID-19

PIB CAI A PIQUE, MAS RECUPERAÇÃO PODE COMEÇAR AINDA EM 2020

Com a pandemia global, as projeções económicas traçadas no início do ano deixaram de fazer sentido, e ainda sem um fim à vista para o surto do coronavírus, a questão já não é saber se haverá uma crise económica, mas sim como esta vai evoluir. Por agora, todas as opiniões convergem na inevitabilidade de uma retração do PIB, com os mais otimistas a advogar que recuperação possa acontecer ainda no final deste ano.

Área: 1081cm² / 58%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6809209

Vi

VIDAIMOBILIÁRIA
CONVERSAS DIÁRIAS

▶

ESPECIAL COVID 19

JOÃO DUQUE
Economista | Professor Catedrático - ISEG

© comentário completo de João Duque está disponível nas Conversas Diárias

Uma recessão económica global em 2020 é, nesta fase, um facto inevitável. Resta agora saber quanto vai cair o crescimento da economia. «o que dependerá da forma como as autoridades de todo o mundo tomarem medidas para contar a disseminação do vírus nos próximos dois meses», afirma Daniele Fraietta, Global Economist da Fitch Solutions.

Assumindo-se como o segundo grande foco de contágio, logo após o início do surto na China, a Europa será uma das áreas mais afetadas. «O crescimento económico antes do surto já era fraco, com o PIB real a crescer apenas 0.1% em termos trimestrais no último trimestre de 2019. E, agora com a expansão da pandemia global, com a maioria dos Estados-Membros a impor, total ou parcialmente, medidas de quarentena e isolamento social, os sinais ténues de melhoria que identificámos no início do ano simplesmente evaporaram», explicou o especialista, um dos intervenientes do live webinar «Europe at the Time of Covid-19: Macroeconomic Implications and Policy Responses».

O evento, realizado a 24 de março, serviu para a Fitch Solutions dar a conhecer as suas projeções mais recentes para a economia europeia que, admite agora, «irá registar um crescimento negativo no primeiro semestre deste ano e, num cenário otimista, ficará perto da estagnação na segunda metade de 2020. Assim, a partir de um valor que já tinha sido revisto em baixa em -0.2%, na Fitch Solutions prevemos agora que a atividade económica da zona Euro vai contrair -1.3% em 2020, havendo bastante risco de que a retração seja ainda maior», revelou Daniele Fraietta, acrescentando, contudo, que a «recuperação económica deverá começar no final do ano».

Crescimento económica da Eurozona revisto em baixa (PIB Real, %)

PAÍS	2018	2019	2020 (prev.)
Bélgica	1,5	1,4	-2,0
Áustria	2,4	1,6	-1,1
Holanda	2,6	1,7	0,7
Finlândia	1,7	1,0	0,3
Alemanha	1,5	0,6	-0,8
Portugal	2,1	3,5	-2,2
Grécia	1,9	1,9	-1,5
Eurozona	1,9	1,2	-1,3
França	1,7	1,3	1,8
Espanha	2,4	2,0	2,0
Itália	0,8	0,3	2,9

FONTES: Fitch Solutions, Eurostat.

Ainda que provisórios, e sujeitos a revisão constante ao longo das próximas semanas e em função da evolução do surto do Covid-19, os números da Fitch confirmam uma tendência de quebra transversal a praticamente toda a zona Euro, com o PIB real de praticamente todos os seus países (com exceção da Finlândia) a recuar para terreno negativo este ano. A confirmar-se este cenário, Portugal será mesmo um dos países com maior retração, apenas ultrapassado pela Itália (-2.9%). No caso de Espanha, o crescimento do PIB deverá ser -2.0%, tal como a Bélgica, ao passo que em França, rondará os -1.8%.

-8%

queda do PIB português prevista pelo FMI para 2020, com mais 380 mil desempregados

Economia portuguesa pode contrair entre 4 a 8%, diz o ISEG

No entanto, as estimativas do ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão) para a economia portuguesa em 2020 são bem mais pessimistas. «Em face da situação atual de condicionamento da atividade económica, e na expectativa que a fase mais restritiva não exceda os dois meses e de um posterior retomar gradual da atividade económica, o ISEG assume como valores indicativos para o crescimento do PIB em 2020 o intervalo -4% a -8%», avança a síntese de conjuntura de março, produzida pelo Grupo de Análise Económica da universidade. Mas está longe de ser o pior cenário o projetado, alerta aquele grupo, realçando que caso as medidas restritivas impostas no sentido de controlar a doença se mantenham por mais tempo ou a abertura das atividades encerradas demore mais tempo que dois meses, a contração da economia poderá ser ainda maior.

Para o economista João Duque, professor catedrático no ISEG, «ainda é cedo» para avaliar com precisão qual será o impacto do Covid-19 na economia portuguesa, até porque «o cenário ainda é muito incerto e, por isso, é difícil prever o tempo que isto vai durar e, conseqüentemente, fazer projeções». Ainda assim, este especialista «não tem dúvidas que vamos ter uma quebra muito significativa, que pode superar os -4% registados no pior ano da crise anterior, ou ser ainda pior», lembrando ainda que «há setores profundamente afetados por esta crise, como o turismo ou os transportes, que pesam muito na economia».

Alertando que «dificilmente a malha produtiva se manterá intacta ao fim de um trimestre de paragem», João Duque realça que os efeitos desta quarentena «serão mais prolongados no tempo». No entanto, «esperamos que a recuperação seja mais rápida que a crise anterior, até porque a sua natureza é diferente; e que assim como a crise veio, a crise vá. Se no final tivermos de considerar com três meses muito maus, seguidos de mais dois ou três de recuperação, estamos a projetar um horizonte de seis meses» para se começarem a ver os primeiros sinais de recuperação.

"O mais importante agora é garantir a liquidez"

João Duque considera que «o mais importante de tudo agora é garantir que há liquidez», para garantir que «quando vier o dia da liberdade» os trabalhadores e as empresas ainda existam». Cabe ao Estado injetar essa liquidez, «e vai ter de se endividar para isso. Neste momento, o que o Banco Central Europeu fez foi garantir a compra de muitos milhares de milhões de dívida, cerca de 18.000 milhões para Portugal, é o dobro do que o ministro das Finanças anunciou como necessidades imediatas para a economia portuguesa neste momento. O BCE tem de garantir que os estados membros coloquem dinheiro onde é preciso, emitindo dívida», explica o economista.

Duração da quarentena é que vai determinar o impacto da recessão

Ou seja, «a duração e a dimensão real do isolamento é que irão determinar o impacto desta recessão», não só em Portugal e na Europa, mas a nível mundial, como referiu Tiziana Papa, head of Europe Country Risk da Fitch Solutions. «A travagem repentina da atividade económica, por via das quarentenas, cancelamento de eventos e o distanciamento social, têm como consequência um enorme choque na procura. Estes constrangimentos físicos ao consumo diferenciam a crise atual de todas as anteriores, e provavelmente, terão maiores repercussões negativas ao nível do crescimento. Apesar do reforço nas medidas de alívio fiscal pela parte dos Governos do bloco, incluindo subsídios para trabalhadores afetados e adiamento de impostos, as famílias irão adiar a compra de bens de consumo duráveis bem como de serviços. E, apesar da maior parte das empresas de serviços reportarem um sentimento positivo em relação ao comportamento da Eurozona no início do ano, o cenário retratado no inquérito de março do PMI (Purchasing Managers Index) irá certamente ser bastante diferente», remata aquela especialista.

Medidas do Governo para apoio à economia representam esforço de 35.000 milhões

O Governo português tem vindo a lançar uma série de medidas e incentivos de apoio a famílias e empresas, no âmbito da pandemia Covid-19, das quais se destacam as seguintes, pelo seu impacto direto no setor imobiliário:

- Deferimento das obrigações ao fisco e à Segurança Social;
- Linhas de crédito para apoiar a liquidez das empresas;
- Medida de Layoff Simbolizado;
- Moratória bancária para famílias (crédito à habitação) e empresas por um período de 6 meses;
- Regime excecional para o pagamento de rendas habitacionais e não-habitacionais.

Um pacote de medidas que, segundo as estimativas avançadas pelo Research da CBRE, já representam um esforço financeiro de mais de 35 mil milhões de euros, 17% do PIB de Portugal.